



“NÓS NÃO FAZEMOS HISTÓRIA, NEM FAZEMOS PARTE DELA.”

Caio Leonardo Jablonski¹

Éliton Juliano Freitag²

Matheus Mathias³

Dalva Neraci Rheinheimer⁴

Resumo

“Nós não fazemos História, nem fazemos parte dela.” foi a frase responsável para a constatação de um problema, que não é atual. O ensino tradicionalista, metodologia utilizada pela maioria dos professores ainda em atividade, pode ser o culpado: o ensino da História pela ótica dos “heróis” deduz que a população comum não participa dos fatos, nem os influencia. A adesão e a influência de novas teorias pedagógicas em tempos recentes notabilizam-se por serem instrumentos eficazes para a reversão deste quadro. A partir do sócio-interacionismo, em que tese o ambiente onde uma criança encontra-se é fator influenciável no seu desenvolvimento. Muitos alunos matriculados na Escola Willibaldo Samrsla, não são natos de Taquara, sendo oriundos do norte e oeste do Estado, fazendo desta circunstância, a chave para o desenvolvimento de um projeto de estudos, onde é unificado dois temas: O Cinema, temática escolhida para o projeto Pibid-História/Faccat, e o projeto Histórias Particulares, criado pelos acadêmicos bolsistas. A ideia consiste na elaboração de um documentário narrando os fatos particulares e/ou em comum das famílias para que ambos hoje se situem nesta região. Tal plano, almeja que os alunos possam perceber-se como agentes de seu tempo, integrantes de uma história em desenvolvimento, assim como que também possam reconhecer seu passado, valorizando a sua própria história de vida.

Palavras-Chaves: Histórias Particulares, Família, Documentário.

¹ Bolsista PIBID/FACCAT. Acadêmico de Licenciatura em História.

² Bolsista PIBID/FACCAT. Acadêmico de Licenciatura em História.

³ Bolsista PIBID/FACCAT. Acadêmico de Licenciatura em História.

⁴ Doutora em História. Coordenadora PIBID/FACCAT de História.



Introdução

Entendemos o termo “*crescer*”, como uma série de desenvolvimentos contínuos do ser humano. Crescer também pode significar “evoluir” conscientemente, explicitando novos aprendizados e/ou conhecimentos. O projeto em andamento com a Turma 63/9 da Escola Estadual de Ensino Médio Willbaldo Bernardo Samrsla – CIEP, *Histórias Particulares*, concebe esta ideia. A História pela ótica dos alunos, não ocorre onde vivem e estes não pertencem a ela. Muitos desses alunos, não veem o seu passado como História, desconhecendo a própria ancestralidade e por vezes não compreendendo a razão de não estarem em sua terra natal. Atualmente, tem-se consciência que a História de um lugar não existe por casualidade: a junção de várias histórias familiares contribui para a criação de uma História local de importância. É a partir deste fato, que os acadêmicos bolsistas colocam como objetivo levar os alunos a se reconhecer como parte da história da cidade contribuindo para que o aluno se identifique com a região em que reside.

Para a realização do projeto, os acadêmicos bolsistas usaram como proposta metodológica as abordagens de dinâmicas em grupo de Agostinho Minicucci e os conceitos de Lev Vygotsky sobre consciência individual e sociointeracionismo. Dentro da sala de aula, utilizaram aulas teóricas sobre conceito de história, tempo e família, além de abordarem a história local procurando inserir os alunos dentro dessa história como sujeito histórico. Ao final os acadêmicos bolsistas procurarão desenvolver um documentário sobre as histórias particulares de cada um relacionando com a história local, procurando observar os métodos e tipagem de documentários a partir das teorias de Bill Nichols e Marcos Rey.

Proposta metodológica

Antes de mesclarmos os tópicos distintos, é necessário que se observe a convivência da turma em questão, que tem idade entre onze e treze anos respectivamente. É característica desta fase de crescimento, as crianças se dividirem entre os sexos, formando grupos de meninos e meninas que não possuem uma convivência harmônica.

Pela interpretação de Agostinho Minicucci (1987, p. 40), “O comportamento do indivíduo depende das mudanças que ocorrem em seu campo, em seu espaço de vida, em determinado



momento.”, o que nos permite interpretar que o comportamento rebelde em certas circunstâncias, é provocado pela insatisfação de certo fato, geralmente entendido como problema familiar. Ainda nesta linha, Minicucci cita que “O grupo adolescente é aquele que tem um período de mudanças particularmente profundo na perspectiva do tempo (1987, p. 41).”, permitindo observar em parte, como os alunos lidam com o conceito de tempo.

Conforme Minicucci (1987, p. 227) “Enquanto a criança e o adulto têm uma ideia clara de sua pertença ao grupo, o adolescente pertence em parte ao grupo infantil e em parte ao grupo adulto”. Ao analisarmos as vidas de cada uma, percebe-se que muitas possuem já tarefas e obrigações de adultos, como cuidados com a casa e/ou criação de irmãos menores.

Na infância, o espaço vital da criança é inestruturado, a criança depende da ajuda e da estruturação externa do ambiente, por meio de outras pessoas. Entretanto, à medida que cresce e seu espaço vital aumenta em estrutura e diferenciação, ele aprender a depender mais e mais de si mesmo (MINICUCCI, 1987, p. 227).

Quanto ao *espaço vital* em que o autor cita, é preciso ponderar que grande parte das crianças desta turma não são natas desta cidade. Este fator é resultante do processo migratório ocorrido do norte e oeste gaúcho à esta região, da segunda metade da década de 1960 até fins dos anos 1990, em busca de emprego no setor calçadista, conforme Bortoli e Reinheimer (2017) pondera em sua pesquisa sobre a indústria calçadista no município de Igrejinha.

O desconhecimento sobre a própria história, também pode ser vinculado a forma do ensino, visto que

Vimos que a história que tem sido ensinada no Brasil pouco se preocupa com a realidade dos educandos. Ela privilegia acontecimentos e fatos isolados, deixando de lado as relações entre os diferentes grupos sociais ao longo dos tempos. Além disso, é dominada pelas elites governantes: o povo não é visto como agente do processo histórico (NEMI e MARTINS, 1996, p. 20).

Segundo os autores Ana Lúcia Lana Nemi e João Carlos Martins em sua obra de 1996, o ensino era completamente tradicionalista, em que o professor é exclusivamente o detentor do conhecimento, não havendo contribuição por parte do aprendiz e se esta existisse, seria mínima, num preceito skinneriano de ação e reação. Passados mais de vinte anos desta publicação, ainda observamos profissionais que mantêm o método tradicional para o ensino.

Nas palavras dos autores, houve uma evolução do pensamento crítico a partir dos anos 1970,



com a intensificação dos estudos sobre o desenvolvimento (cognitivo, físico e afetivo) da criança, que “[...] *se desenvolve em uma sociedade composta de classes sociais em conflito*” (NEMI e MARTINS, 1996, p. 34, grifo nosso). Com tal conclusão, inicia-se uma revisão dos conteúdos e estratégias, onde se destaca duas teorias, a *construtivista* e a *sociointeracionista*, esta utilizada pelos bolsistas.

Lev Vygotsky objetivava o ensino da cidadania e responsabilidade social às crianças logo que iniciassem os estudos escolares seguindo o conceito de *consciência individual* a ser trabalhado e refletir na participação social (Nemi e Martins, p. 37).

Organizando internamente as experiências que recebe do meio, o indivíduo lhes atribuirá novos significados, negociando suas próprias interpretações com as dos outros. Dessa forma, ele se vincula intensamente ao meio social em que vive, o que lhes permite entender melhor e reinterpretar os valores, as idéias e os conflitos que foram constituídos história e socialmente (NEMI e MARTINS, 1996, p. 38).

Ainda sobre o meio social, os autores afirmam que

O meio social e a história são anteriores à existência do indivíduo. Quando nascemos, passamos a receber uma série de instruções que foram culturalmente construídas. É por intermédio dessa cultura partilhada que a sociedade se organiza. (NEMI e MARTINS, 1996, p. 39).

A citação acima nos permite compreender parte deste quadro, em que os alunos não possuem referências maiores do meio onde hoje moram. Algumas histórias narradas nas redações elaboradas pela turma apresentam parentes com histórico criminal (quase todos por roubo ou tráfico de drogas), tendo a educação dos mesmos responsabilizada a outros tutores, como avós ou tios/tias, sem reconhecer fatos importantes em suas vidas.

O bairro onde a maioria dos alunos reside, tem como característica a população carente e/ou de baixa renda. A criminalidade por vezes é tida como algo “comum” no cotidiano pela ótica das crianças. Os moradores em sua maioria, são funcionários da indústria calçadista da cidade, característica histórica da localidade.

Este cotidiano acaba por não inspirá-los ao futuro, não tendo projeções ou ambições para o caminho a ser seguido, se renegando ao mesmo destino de muitos de seus parentes, indiferentes no que será, ainda mais no ambiente que residem serem fatos “normais”. Portanto, se faz necessário o resgate da história particular de cada aluno, uma vez que estes se sentem às margens da História.



Em Sala de Aula

Durante o primeiro semestre letivo de 2017, desenvolvemos junto à turma 63/9 da Escola Willybaldo Bernardo Samrsla o projeto *Histórias Particulares*, realizado pelo PIBID de História da FACCAT. Em nosso primeiro contato com os alunos, na aula de observação, podemos diagnosticar que a turma estava estudando biografias e por consequência a sua própria história e do lugar onde residem. Seguindo essa proposta, os bolsistas do PIBID optaram por trabalhar a história familiar de cada aluno aliada à história local/regional, concluindo ao final com um documentário sobre a história dos alunos da turma 63/9.

Partindo desse preceito, procuramos transmitir aos alunos a sua importância histórica e de sua família, acentuando que “[...] a trama da História não é o resultado apenas da ação de figuras de destaque, consagradas pelos interesses explicativos de grupos, mas sim a construção consciente/inconsciente, paulatina e imperceptível de todos os agentes sociais, individuais ou coletivos” (BEZERRA, 2009, p. 45).

Para dar início ao projeto, foi abordado na primeira aula o conceito de tempo, história, família e genealogia. Esta abordagem foi bastante significativa para a continuação da temática, pois devido a muitos alunos não serem criados ou não conviverem com os pais, era importante identificar que existem várias formas de família como avós, tios, primos, irmãos, etc. Pois para Goldani (1993, p. 78) a família é

um conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco ou dependência doméstica que vissem no mesmo domicílio, ou, pessoa que visse só em domicílio particular [...] **ou** todo conjunto de no máximo cinco pessoas, que vissem em domicílio particular sem estarem ligadas por laços de parentesco ou dependência doméstica.

Dando sequência a temática, foi solicitado aos alunos que criassem uma árvore genealógica de sua família. Nesse sentido procuramos definir como família as pessoas que moram juntos com os alunos, devido à situação familiar de muitos deles. Nesta atividade pudemos observar que alguns alunos vivem com padrastos ou madrastas, e também que outros conhecem suas origens, produzindo árvores genealógicas extensas.

A partir desse enfoque, e partindo da árvore genealógica da família, foi solicitado que os



alunos formulassem um texto, contando um pouco da sua história e de sua família. Com o auxílio de mapas, identificamos junto aos alunos que boa parte das famílias da turma 63/9 são oriundas de outros municípios.

Abaixo transcrevemos um texto da aluna Amanda, onde ela faz um pequeno relato sobre sua vida e de sua família. Podemos notar que sua família veio para cá atrás de trabalho, e que Amanda assim como observado em mais alunos de sua turma, não vive com seus pais, mas sim com seus avós.

Meu nome é Amanda, eu moro em Taquara, a minha mãe veio de Porto Alegre com sua mãe quando era pequena para morar aqui. Meu pai morou sempre aqui em Taquara, enquanto minha avó veio de Pelotas quando era pequena e meu avô veio de Campo Grande para trabalhar aqui, e assim ela conheceu minha avó. Minha mãe se chama Vanessa, meu pai se chama Carlos, e meu único irmão se chama Ueliton e mora em Gramado. Eu moro com meus avós desde os 4 anos. Eu nasci em 05/10/2005 e meu irmão em 25/01/2011, ele nasceu em Novo Hamburgo, enquanto eu nasci em Taquara. Minha avó nasceu dia 17/01/1959 e se chama Sirlei e meu avô nasceu dia 15/10/1959.

A partir desses dados, e com o auxílio da Geografia na interpretação e localização em mapas, procuramos demonstrar aos alunos, como eles e as suas famílias estavam inseridos na história local, tanto do município de Taquara, quanto da região do Vale do Paranhana e do Estado do Rio Grande do Sul. Pois a maioria das famílias migrou na década de 80 para a região, situando-se historicamente nas grandes migrações para as indústrias calçadistas do Vale do Paranhana.

A partir dessas abordagens, pudemos identificar também certo sentimento de não pertencimento dos alunos a sua cidade e bairro, pois o desconhecimento da História Local distancia o aluno do local em que vive. Com isso percebemos a importância da história local, pois para Guimarães (2009, p.240) “ensinar e aprender a história local e do cotidiano é parte do processo de (re)construção das identidades individuais e coletivas, a meu ver, fundamental para que os sujeitos possam se situar, compreender e intervir no meio em que vivem como cidadãos críticos.”

Além disso, a exposição das histórias de cada um para toda a turma e a posterior discussão em grupo procurando identificar semelhanças e diferenças entre os alunos faz despertar neles o pertencimento deles a uma determinada cultura, pois como define Bezerra (2009, p.46) “Cultura não é apenas o conjunto de manifestações artísticas. Envolve as formas de organização do trabalho, da casa, da família, do cotidiano das pessoas, dos ritos, das religiões, das festas etc”.

Com o passar das aulas foi perceptível uma pequena mudança, pois os alunos agora, ao



escreverem seus textos, conseguiram expor fatos de sua história familiar que se inseria na história da região, fazendo-os se tornarem sujeitos históricos.

A partir das aulas realizadas, podemos verificar que o trabalho realizado pelo PIBID, está tendo resultados parcialmente positivos. Pois se de um lado podemos diagnosticar um maior sentimento de pertencimento histórico dos alunos, há ainda alguns alunos que não participam das atividades, além de que boa parte deles não conhece muito sobre a história de sua família, tarefa essa não só da escola, mas como dos pais, avós, tios e demais parentes.

Como atividade de encerramento do projeto do primeiro semestre, propomos aos alunos o desenvolvimento de um documentário relatando um pouco da vida de cada um deles, partindo dos relatos e dos trabalhos que os mesmos desenvolveram nas aulas anteriores, propiciando assim uma maior participação do aluno na construção do saber histórico, e como ressalta Vasconcelos (2012) fazendo com que o aluno se torne junto ao professor, sujeito de seu processo de ensino-aprendizagem se tornando assim cada vez mais um indivíduo independente e que veja na figura do professor um intermediário entre ele e o conhecimento.

O Documentário

Uma representação cinematográfica segundo Martin (2003) é inteira e exatamente o que é captado pela câmera, pelo registro de tal realidade apresentada à ferramenta em uma percepção objetiva. A imagem fílmica é a captação de uma realidade, ou de uma realidade selecionada, provocando o espectador fortemente a crer e obter uma opinião sobre o que fora assistido. Toda imagem fílmica é um documentário, mas há uma divisão em duas partes:

Todo filme é um documentário. Mesmo a mais extravagante das ficções evidencia a cultura que a produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela. Na verdade, poderíamos dizer que existem dois tipos de filme: (1) documentários de satisfação de desejos e (2) documentários de representação social. (NICHOLS, 2005, p.26)

Normalmente os documentários que assim os nomeamos são os de representação social, no qual segundo Nichols (2005) tornam perceptível em todos os sentidos possíveis por uma imagem fílmica à composição da realidade social. Os acadêmicos bolsistas do PIBID escolheram este tipo de imagem fílmica, pois procuramos expor uma realidade, a dos alunos e suas histórias particulares,



familiares e realidade social. Mas “Nada vem do nada. E muito menos as ideias, produtos de três vertentes: Vivência, leitura e imaginação” (REY, 1989, p 7).

A ideia dos acadêmicos de fazer tal documentário surgiu de uma necessidade, de fazer reconhecer que a história do aluno é importante, e de que ele é um atuante na história, e não apenas espectador. Assim sendo, os acadêmicos levantaram questões norteadoras que os guiaram antes de ser realmente posto em prática a gravação, algumas delas evidenciadas por Rey (1989) como: A quem se dirige o documentário? Ele busca sucesso ou qualidade? Qual sua proposta moral? Qual sua intenção? Buscamos então com esse documentário se dirigir aos próprios alunos para que os mesmos fossem os protagonistas, buscando uma qualidade de informação sobre eles mesmos, a fim deles se situarem como sujeitos históricos, de sua importância e diversidade na sociedade. Pois o documentário é também um conjunto de histórias, opiniões e objetivos:

Para cada documentário, há pelo menos três histórias que se entrelaçam: a do cineasta, a do filme e a do público. De formas diferentes, todas essas histórias são parte daquilo a que assistimos quando perguntamos de que trata um certo filme. Isso quer dizer que, quando assistimos a um filme, tomamos consciência de que ele provém de algum lugar e de alguém. Existe uma história de como e por que ele foi feito. (NICHOLS, 2005, p.93)

Os documentários seguem uma classificação de acordo com o modo de produção do mesmo e sobre como se quer expor a realidade apresentada. “No vídeo e no filme documentário, podemos identificar seis modos de representação que funcionam como subgêneros do gênero documentário propriamente dito: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático.” (NICHOLS, 2005, p 135).

Seguindo as classificações de documentário acima, definimos para nossa produção o gênero participativo, pois segundo Nichols (2005) o documentário participativo sugere a participação do documentarista, ou seja, passa a fazer parte da realidade que quer apresentar. Com isto, o ponto de vista do documentarista fica mais evidente. É comum utilizar entrevistas para enriquecer os assuntos.

Os questionamentos que levantamos sobre os alunos e sobre a produção do nosso documentário nos levaram a um impasse, como realizaríamos o mesmo? E como o definiríamos? Daríamos qual ênfase a produção fílmica que estava por vir? Então pensamos que captar relatos dos alunos através de entrevistas guiadas pelos Bolsistas do PIBID seria uma forma de eles se perceberem como sujeitos históricos, assim se encaixando perfeitamente em tal subgênero de



documentário que havíamos pensado no início.

As entrevistas com os alunos para o documentário se basearam na origem da família, na residência, no seu parente mais velho, no motivo da vinda para a cidade de Taquara aos que a família não era daqui, e na perspectiva de vida e o futuro da família.

Sobre a origem familiar, muitos não possuem o conhecimento de sua etnia e descendência, porém sabiam o motivo da vinda de sua família para Taquara, na maioria dos casos foi para a busca de emprego e/ou questões familiares. Os familiares mais velhos dos alunos estão na faixa de cinquenta a sessenta anos, com poucos casos onde o parente mais velho tem mais de setenta.

Se tratando sobre a perspectiva do futuro, em unanimidade as respostas sobre a família sempre se referiam a saúde e prosperidade profissional, já para o indivíduo entrevistado, a perspectiva em maioria era de conseguir um bom emprego e ser próspero profissionalmente para ter uma qualidade de vida melhor. Mas poucos casos tinham alguma profissão em mente, e menos ainda objetivam uma graduação ou formação especializada.

Conclusão

O projeto PIBID é muito importante para nossa formação, pois através dele podemos ter nosso primeiro contato com a sala de aula, podendo desta maneira, transportar o nosso conhecimento adquirido no meio acadêmico para o ambiente escolar. Além disso, o PIBID faz com que nós busquemos alternativas diversas para melhorar o desenvolvimento do conteúdo de História dentro da sala de aula.

O projeto *Histórias Particulares*, nos proporcionou o que comentamos acima, além de podermos despertar em nossos alunos um maior interesse na parte histórica local, regional e de sua própria história e consequentemente de sua família, além de fazê-los refletir e projetar sobre seu futuro.

Mesmo que nosso projeto não tenha atingido total êxito, devido a não participação de alguns alunos, e também devido a algumas dificuldades encontradas, tudo foi muito válido, pois também sabemos que essas dificuldades encontradas no PIBID serão a que encontraremos em sala de aula no futuro.

Concluimos que o projeto PIBID tem uma dupla importância e objetivo. Pois ele é positivo tanto aos acadêmicos bolsistas que estão se preparando para a futura profissão de professor, quanto



ao aluno que estará exposto a uma nova abordagem de ensino baseada no que há de mais atual em nível pedagógico e histórico.

Referências

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: Conteúdos e Conceitos Básicos. In: KARNAL, Leandro (org.). História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2009, p. 37-48.

BORTOLI, Gabriel Osmar Wilbert de; REINHEIMER, Dalva Neraci. *A memória da Indústria Calçadista de Igrejinha no Vale do Paranhana*. 2017. Em <<http://www.univates.br/editora-univates/publicacao/209>>, Acesso em: 01 de setembro de 2017.

GOLDANI, Ana Maria. As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação. *Cadernos Pagu*, 1993, n.1.

GUIMARÃES, Selva. *Didática e Prática de Ensino de História*. Campinas: Papirus, 2015.

MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. São Paulo: Brasiliense, 2003

MINICUCCI, Agostinho. *Dinâmica de Grupo: Teorias e Sistemas*. São Paulo: Atlas, 1987.

NEMI, Ana Lúcia Lana. MARTINS, João Carlos. *Didática de História: O tempo vivido: Uma outra história?* São Paulo: FTD, 1996.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. 5. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2005

REY, Marcos. *O roteirista profissional: Televisão e cinema*. São Paulo: Ática, 1989

VASCONCELOS, Maria Lucia. *Educação Básica: a formação do professor, relação professor-aluno, planejamento, mídia e educação*. São Paulo: Contexto, 2012.



ANEXOS



1. Gravação do documentário com os alunos



2. Alunos trabalhando em grupos